

De encontro ao passado

Against the past

Contra el pasado

Francisco Carlos Palomanes Martinho*

<https://orcid.org/0000-0001-7859-9533>

Resenha do livro: Rollemberg, Denise. *Valquírias: memórias da resistência alemã ao nazismo*. Niterói: EdUFF, 2021.

Como citar esta resenha:

Martinho, Francisco Carlos. “Resenha do livro *Valquírias: memórias da resistência alemã ao nazismo*, de Denise Rollemberg”. *Locus: Revista de História*, 29, n. 2 (2023): 210-215.

O passado das diversas ditaduras e dos regimes totalitários do século 20 vem sendo revisto, consoante a abertura de novos arquivos, depoimentos de testemunhas, descoberta de ossadas etc. Decorrido um período inicial de “evocação das vítimas”, transformadas não poucas vezes em “heróis da resistência”, as reflexões acadêmicas têm se voltado para o que é ambivalente nos comportamentos de indivíduos e coletivos. Tais reflexões ganharam espaço, sobretudo, com a adoção de políticas de memória por diversos Estados, muitas vezes pressionados por associações civis vinculadas à defesa dos direitos humanos. Embora no Brasil e na América Latina este debate seja recente, ele tem início com a derrocada dos regimes fascistas a partir de meados dos anos 1940

* Professor Titular do Departamento de História da USP; Pesquisador do CNPq. Dedicou-se à História Política do Portugal Contemporâneo e aos Estudos Biográficos. Seus trabalhos mais recentes são: “A filósofa, a história e a escrita biográfica: um diálogo com Hannah Arendt”. *Revista de História*. USP, n.182, a04623, 2023: 1-23; *Portugal e os 60 Anos da Guerra em África*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022 [livro organizado com Helena W. Moreno e Marina S. Galvanese]; “Indivíduo, história e responsabilidade”. *Estudos Ibero-americanos*, v. 48, e42411-9, 2022: 1-9; “Marcello Caetano: história, historiografia e identidades nacionais”. *Topoi*. Rio de Janeiro, vol. 22, 2021: 330-350.

e tem sua continuidade em diversas conjunturas transicionais, como, por exemplo, aquelas da década de 1970, nas democratizações portuguesa, espanhola e grega (Barahona de Brito *et al.* 2004; Costa Pinto e Martinho 2013; Quadrat e Rollemberg 2010; Reis Filho 2014).

Ao mesmo tempo, movimentos sociais, organizados ou espontâneos, impulsionam governos e sociedades a repensarem o tratamento que, no presente, conferimos ao passado. Foi o que ocorreu no ano de 2020 quando, no bojo de uma série de protestos contra o assassinato do cidadão estadunidense George Floyd, um conjunto de estátuas e símbolos do colonialismo e da escravidão, como que numa “onda iconoclasta”, foram formalmente destruídos ou, ao menos atacados. São, entre outros, os casos do rei Leopoldo II na Bélgica, do bandeirante Borba Gato no Brasil ou do padre António Vieira em Portugal. E, permanecendo neste país, não poucas linhas foram escritas, não poucas palavras foram pronunciadas a respeito da criação de um *Museu Salazar* na residência do velho ditador, em Santa Comba Dão (Aíán 2022; Rodrigues 2008; Silva 2019). Enfim, de uma forma ou de outra, o passado é, não apenas reelaborado, mas alterado de acordo com circunstâncias políticas, sociais ou culturais. Ele é imprevisível, portanto.

Preocupada com o tratamento dado ao passado, nomeadamente através de políticas de museus na Alemanha, a seguir à 2ª Guerra Mundial, Denise Rollemberg traz a público *Valquírias: memórias da resistência alemã ao nazismo*. Ao estudar as narrativas de dois museus-memoriais berlinenses, o *Memorial da Resistência Alemã* e o *Memorial dos Heróis Silenciosos*, a autora procura desvendar e problematizar as diversas facetas da resistência alemã ao nacional socialismo. Além da escolha do objeto, chama a atenção o espaço onde ele se materializa. Berlim, “Palácio da Memória, [onde] a história contemporânea brota a cada esquina” (p. 27), como diz a autora; “lugar central da memória”, nas palavras de Peter Reichel (p. 28). Daí Rollemberg iniciar seu trabalho destrinchando a polêmica em torno dos *lugares de memória*, como quer Pierre Nora, ou dos *espaços de memória*, na interpretação mais abrangente de Aleida Assmann. O espaço, seja ele uma cidade ou um país, não é casual, e não por acaso a obra de Denise Rollemberg percebe as diferentes e mesmo antagônicas leituras que do passado fizeram a Alemanha, a Itália ou França (p. 30-37). Berlim, assim, se configura como um espaço único, talvez até mesmo em relação a outros espaços de memória dentro do próprio país. “Conglomerado de signos”, do Império Guilhermino, do nacional-socialismo, da divisão Oriente x Ocidente e, por fim, de seu reencontro, andar pelas *strassen* de Berlim significa esbarrar cotidianamente com sua História e seu passado (p. 36). Os berlinenses, em larga medida, compartilham a “mesma memória” e a “mesma espera” (Reis 1996, 237), dando razão a Marc Ferro quando nos lembra “o quanto é artificial o corte entre passado e presente – um vive no outro, o passado tornando-se presente, mais presente que o presente” (Ferro 2009, 14). Talvez, por isso, Marc Bloch tenha razão ao afirmar que “os franceses [...] vivem suas lembranças

coletivas menos intensamente que os alemães” (Bloch 2001, 42). Em consonância com esta interpretação, a autora nos lembra que, ao contrário do que ocorrera na Alemanha, na França, o mito da Resistência (re)agregou um país em pedaços omitindo, no entanto, ao menos durante largo período, o papel colaboracionista de parte de sua sociedade (p. 35; Laborie 2010, 31-44). Trata-se de uma escolha: o passado, na medida em que reelaborado, pode tanto ser compreendido criticamente quanto exorcizado. Neste último caso, ora de modo a edificar heróis, ora na combinação de silêncio e esquecimento (Martins 2007; Pollak 1989).

Nessa relação tensionada com o tempo, a autora percebe, em seu objeto de pesquisa, opções distintas. Enquanto o *Memorial da Resistência Alemã*, criado em 1952, busca a mediação entre a homenagem às vítimas e a crítica do comportamento humano, o *Memorial dos Heróis Silenciosos* sacraliza a memória, homenageando suas personagens ao mesmo tempo em que “amordaça o conhecimento”. Enquadrada, na expressão de Henry Rousso (1985), esta memória desenha os “heróis” à imagem e semelhança daquilo que pretendemos ser. Ulpiano Bezerra de Meneses denomina tais espaços de “museus de objetivo”; diria eu, de objetificação. É ainda Bezerra de Meneses quem nos alerta:

Não há, em nossa sociedade, realidade [...] que seja homogênea e estática. Daí o perigo de tais museus exercerem papéis compensatórios de refúgio para simbolicamente "recuperarem" uma unidade perdida ou (o que é pior) de espelhos em que narcisisticamente se procure a devolução da imagem que já tinha sido atribuída a si próprio - e que agora retoma sedutora, pronta a se transformar num termômetro com o qual se mede (etnocêntrica) toda a realidade. (Meneses 1993, 214).

É claro que a intencionalidade manifesta na construção de um e de outro museu é, mais ou menos, alterada com o tempo, impondo a esses espaços/lugares de memória, constantes *aggiornamenti*. Foi-se, portanto, o tempo do “censo, mapa e museu” para a estabilização da política, da sociedade ou da memória (Anderson 2008, 226-255). O trabalho de Rollemberg, por isso, percebe as revisões e alterações sofridas no tempo por esses museus. A narrativa dessas edificações, ao contrário de suas paredes e seus muros, é incerta e bem mais complexa.

Ao mesmo tempo, se a intenção impressa é a de desvendar como o Estado alemão se preocupou em produzir o seu passado, o livro traz ainda um outro contributo, que diz respeito à memória coletiva dos judeus – alemães ou não – a respeito de sua história. Uma das epígrafes mais marcantes de *Valquírias* é aquela pronunciada por Shlomo Perel, judeu alemão que serviu na Wehrmacht com o nome falso de Joseph Perjetl: “É difícil ser judeu, mas é mais difícil ainda tentar não sê-lo” (p. 177). A tradição judaica do Ocidente é marcada por esse tipo de comportamento, inclusive em situações menos traumáticas. Desde antes do século 20, inclusive. Rahel Varnhagen, personagem biografada por Hannah Arendt, odiava a sua condição judaica e lutou a vida inteira

para dela se desfazer. Em correspondência a seu irmão, disse com todas as letras que “o judeu deve ser extirpado de nós; essa é a verdade sagrada, e isso deve ser feito mesmo que a vida o seja junto” (Arendt 1994, 111-112). Também Stefan Zweig, anos depois de Rahel, distanciava-se da comunidade de judeus *ashkenazi* que ocupavam, desde finais do século 19, as ruas e praças de sua Viena. Chegou mesmo, em algumas ocasiões, a demonstrar desprezo “pelo tradicionalismo tacanho e pelo comunitarismo de gueto daqueles proletários galicianos, poloneses e russos [...] cujo comportamento, às vezes, contrastava marcadamente com seu próprio refinamento cortês” (Spitzer 2001, 163-165). Em breves palavras, podemos dizer que certo “ódio de si judaico”, como diz Elizabeth Roudinesco, era relativamente comum entre os judeus assimilados da Europa (Roudinesco 2010, 78). Daí a opção de resistir, quando resistiam, individualmente e não como parte integrante de um coletivo discriminado e formalmente perseguido. Pode-se dizer, portanto, que a memória da *Shoah* e da unidade judaica contra o nazismo é uma *tradição inventada* (Hobsbawm; Ranger 1984), uma resposta necessária frente à vida que se seguia. O passado precisava ser transformado para que fosse, no futuro, minimamente tolerável.

Assim procedendo, Denise Rollemberg oferece um determinante contributo para pensarmos o ofício de historiador. Sem qualquer “problema de consciência”, *Valquírias* é um estudo revisionista. Aliás, a própria autora organizou, com Janaina Cordeiro, um livro sobre o tema (Rollemberg & Cordeiro 2021). Revisionismo que, como afirma na obra aqui resenhada, “nada tem a ver com o negacionismo, que pretendeu negar os fatos e realidades inquestionáveis, por exemplo, a *Shoah*” (p. 253). É que o trabalho historiográfico que prescinde da revisão, se enrijece na ortodoxia, não tem saída e, portanto, recusa as possibilidades abertas pelos *vestígios* que do passado chegam até os nossos dias (Ricoeur 2010, 197-198). Aprisiona-se em si mesmo, afirmando uma suposta verdade e negando, por conveniência ou medo, evidências em contrário. Compreender “que a história vive sob a férula da verdade” (Loriga 2011, 230-231), não significa interpretá-la como absoluta, sem questionamentos e sem abertura a novos olhares e indagações; igualmente não significa o aprisionamento em “verdades interessadas”. A incerteza, sem que isso se constitua em problema, faz parte do ofício do historiador.

Pensando abrangentemente em *Valquírias*, diria que Denise Rollemberg vai de encontro ao passado, enfrenta-o e reinterpreta-o aproveitando-se dos indícios que dele chegaram até nossos dias. Mas esse passado encontrado pela autora não se resolve no livro e mantém sua marcha em direção ao futuro. O que será dele dependerá de nós e de nossas narrativas. Não da “narrativa exemplar”, através da qual fixamos uma identidade homogênea e destituída de conflitos, mas de uma narrativa, sim, entendida como “espaço linguístico crítico” (Martins 2007, 45). E que, em sendo crítico, não se vedará às críticas que forçosamente lhe serão formuladas no futuro.

É provável que as restrições impostas à política editorial no Brasil tenham impedido a autora de incluir, em sua obra, imagens que só a enriqueceriam. Este, talvez, seja o principal problema do trabalho. Que não obsta, entretanto, seu interesse e sua importância. Erudito, bem escrito e bem fundamentado, é leitura obrigatória para pensarmos o “futuro do [nosso] passado” (Bauer 2017).

Referências bibliográficas

- Aián, Xurxo. Casas com fantasmas. Sobre las recientes polémicas entorno al museo Salazar y el pazo de Meirás. *Actes de la IV Jornada d'Arqueologia i Patrimoni de la Guerra Civil al front de L'Ebre*. Barcelona: Consorci Memorial dels Espais de la Batalla de l'Ebre, 2022, p. 8-35.
- Anderson, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- Arendt, Hanna. *Rabel Varnhagen: a vida de uma judia alemã na época do Romantismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- Bauer, Caroline. *Como será o passado? História, historiadores e a Comissão Nacional da Verdade*. Jundiaí, SP: Paco, 2017.
- Costa Pinto, António, e Francisco Martinho, org. *O passado que não passa: a sombra das ditaduras na Europa do Sul e na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- Ferro, Marc. *O ressentimento na História*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- Hobsbawm, Eric, e Terence Ranger, org. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- Laborie, Pierre. “1940-1944. Os franceses do pensar-duplo”. Em *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX*, org. Denise Rollemberg, e Samantha Quadrat, 31-44. vol. 1. Europa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- Loriga, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- Martins, Estevão de Resende. “O enigma do passado: construção social da memória histórica”. *Textos de História*. Vol. 15, nº 1 / 2, 2007: 35-48.
- Meneses, Ulpiano Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, Universidade de São Paulo, vol.1, 1993: 207-222
- Pollak, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- Reis, José Carlos. O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Koselleck e *Annales*: uma articulação possível *Síntese Nova Fase*. Vol. 23, n. 73, p. 229-52, 1996.
- Reis Filho, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
-

- Ricoeur, Paul. *Tempo e narrativa. 3. O tempo narrado* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010).
- Rodrigues, Sofia. Criação de Museu Salazar divide esquerda e direita parlamentares. *Público*, 5 de julho de 2008.
- Rollemberg, Denise, e Janaína Cordeiro, org. *Por uma revisão crítica: ditadura e sociedade no Brasil*. Salvador: Sagga, 2021.
- Rollemberg, Denise, e Samantha Quadrat, org. *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010 3v.
- Roudinesco, Elizabeth. *Retorno à questão judaica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2010.
- Silva, Pedro Adão. O museu Salazar nunca existiu. *Expresso*, 7 de setembro de 2019.
- Spitzer, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental (1780-1945)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

Recebida em 9 de agosto de 2023

Aprovada em 15 de novembro de 2023